



# O meu tempo é agora!

Marisa Ignez dos Santos Rhoden

Faz algum tempo que vem me incomodando quando conhecidos e amigos repetem: lembra como era no nosso tempo?

Para os amigos, respondo: "Mas o nosso tempo é agora!" Alguns me olham sem entender. Outros pensam que eu não tive adolescência. O que pode até ser verdade. Pelo menos, não como a maioria.

Para os conhecidos, nada comento. Afinal, de nada adiantaria. Mas com os amigos, eu (ainda) argumento.

Na reunião de "trocentos" anos de formatura do ensino fundamental: todas as gurias (sim, era um "colégio de freira") usaram crachás para não ficarmos embaraçadas.

Legal, muito legal. Principalmente quando revi minha professora regente, com quem gostava de conversar sobre as opções para consertar o mundo. Sentamos em roda, orientadas por uma colega psicóloga, e cada uma contou um resumo de sua vida. Ficamos atualizadas e emocionadas.

Mas fiquei muito triste com a expressão geral de "COMO ERA BOM NAQUELE TEMPO", "COMO ERA BOM O NOSSO TEMPO", "que saudade", "que pena que não podemos voltar", etc. e tal.

Não concordo. Pode ser pretensão, quem sabe uma negação vital. Mas não compartilho deste sentimento. Afinal, eu tentei crescer durante todo este tempo e, portanto, embora tenha perdido pessoas que amo, eu cresci, carrego dentro de mim os amores perdidos, mas cresci. Meu tempo só pode ser agora, que vejo o mundo um pouquinho mais amplo.

Embora, após os 50, a pele da gente assuma vida própria e comece a nos abandonar, embora os olhos diminuam, as lágrimas tendam a secar, os check-ups ocupem uma parte maior de nossa agenda, continuo achando que esse é nosso melhor tempo. Esse é o nosso tempo.

Porque, apesar das mudanças físicas decadentes, a visão que temos do mundo se amplia, o tempo se torna muito mais importante, o que realmente importa passa a nos ocupar.

Afinal, já chegamos lá. Já tiramos carteira, saímos da casa dos pais, definimos nossa profissão, muitos tiveram filhos. Já sabemos que, como pais, somos os ossos onde os filhos afiam os dentes. E sofremos menos com isto.

Já pensamos muito mais sobre o real peso de um problema: o que ele representará para mim em 5 anos? Nada? Então não vale uma ruga adicional.

Já não queremos mais ter razão, queremos ser e fazer as pessoas felizes. Ah! A vida tem que ser assim, melhor depois dos 50, feliz por ser menos detalhista e mais complacente.

Trabalhando no que escolheu por opção entre as opções (no meu caso, com jovens em construção) e aprendendo a descansar. Se largar na rede, sentir a brisa, caminhar à beira-mar (mesmo o nosso clássico "mar achocolatado"), cercada pelos que amamos (em especial, filhos). Este é o paraíso. Não precisamos mais projetar. Já estamos nele.

É preciso perceber e apreciar sem moderação.